Revista Espaço Acadêmico - Nº 30 - Novembro/2003 - Mensal - ISSN 1519.6186

Uma palavra de adeus?
Práticas budistas e xintoístas no Japão

NATASHA SELMAN*

Tradução: Eva Paulino Bueno**

Eu abri o meu diário e reli o que tinha escrito no dia 25 de dezembro de 2001, o dia do funeral da minha amiga e professora Maya Ono: "Que dia. O sentimento de tristeza e do que eu tinha que fazer me deixaram agoniada o dia inteiro. Eu fui ao funeral de Maya às três horas e me encontrei em Jujo, Tokyo, com alguns professores da escola de japonês. Os aspectos cerimoniais em que eu tinha que concentrar-me me impediram de dizer adeus à minha amiga, e isso me deixou com um sentimento de vazio..."

As diferentes culturas não choram e nem enterram seus mortos da mesma forma. Nenhuma morte é sentida pela família enlutada de uma forma universal. Nenhuma pessoa, não importando o quanto ela é familiarizada com os rituais da morte da sua própria religião ou cultura, ou aquela de outras pessoas, pode realmente dizer que não se sente desconfortável quando o assunto da morte de um ente querido é mencionado. A minha reação, como mulher inglesa indo a um funeral budista da minha jovem amiga japonesa, foi uma mescla de tristeza e confusão. A primeira emoção foi talvez a mais natural, e a segunda foi devido à minha falta de conhecimento dos rituais que estavam tendo lugar à minha volta. Eu sabia que como uma antiga aluna de Maya, qualquer *faux pas* que eu cometesse seria perdoado, se fosse notado, mas de todas formas eu estava bem consciente que eu tinha um papel a cumprir para marcar o fato desta morte, eu não sabia exatamente o que fazer ou dizer. Mas o meu desejo de entender e explicar se originou do meu desconforto em ser uma pequena parte de um ritual estranho, feito em uma língua que eu ainda não tinha dominado. Eu teria sentido o mesmo desconforto participando de um enterro cristão no Reino Unido? Não é provável. Os japoneses se concentram

* **NATASHA SELMAN** nasceu e foi criada no Reino Unido. Ela veio para o Japão em 1995 "por um ano", mas permaneceu feliz e cativada lá desde então. Atualmente, ela ensina Inglês como Língua Estrangeira na Josai International University, China, Japão.

** **EVA PAULINO BUENO**, depois de quatro anos trabalhando em universidades no Japão, leciona Espanhol e Português na St. Mary's University em San Antonio, Texas. Ela é autora de *Mazzaropi, o artista do povo* (EDUEM 2000), *Resisting Boundaries* (Garland, 1995), *Imagination Beyond Nation* (University of Pittsburgh Press, 1999), *Naming the Father* (Lexington Books, 2001), e *I Wouldn't Want Anybody to Know: Native English Teaching in Japan* (JPGS, 2003).

mais que as outras pessoas nas minúcias do funeral que eles assistem?

Duvido. De fato, em Ancestor Worship in Contemporary Japan, Robert J. Smith diz que "um aspecto surpreendente do ritual japonês é a frequência com que os participantes e os observadores são incapazes de oferecer qualquer explicação da cerimônia... Na verdade, isto não deveria surpreender... porque, afinal de contas, o comportamento ritual e cerimonial participam de um sistema mais amplo de características dentro dos quais eles são aprendidos e ensinados..."

Os japoneses gostam de dizer que eles nascem na fé xintoísta, se casam como cristãos, e morrem como budistas, e que, embora funerais xintoístas são feitos às vezes, na verdade eles são relativamente raros. No entanto, ao explorar as práticas funerárias da tradição budista e ao apontar as formas como elas diferem das práticas xintoístas, eu espero compreender alguns dos detalhes do que se passou comigo naquele dia de dezembro, no funeral da minha amiga.

Os ciclos da vida japoneses têm um papel muito importante na sociedade, da primeira visita a um santuário com o recém-nascido, à cerimônia da passagem à maioridade quando a pessoa faz 20 anos, e dali em diante ao casamento, ao funeral e além. A passagem do morto à sepultura é controlada por uma série de passos claramente determinados. Embora haja uma nomenclatura diferente para a tradição budista e a xintoísta, as práticas em si mesmas são bastante similares.

Assim que ocorre a morte, o corpo é lavado. Tradicionalmente esta limpeza, ou *senrei*, era feita pelos membros da família, entretanto atualmente é mais comum para os assistentes mortuários fazerem isso. Depois os orifícios do corpo são fechados com gaze ou algodão, antes do corpo ser vestido com um terno ou um quimono. Quando o quimono é usado ele é amarrado na parte de trás. Esta é uma das muitas mudanças enumeradas por Jane M. Bachnik em *Ceremony and Ritual in Japan*, e que têm como função fazer quem que o espírito do morto tenha um *muen botoke*, ou que não se lembre do caminho de volta à sua casa, mas que embarque na sua jornada espiritual. O corpo é então deitado em um único *futon*, ao invés de dois, voltado para o norte, ao invés do sul e leste como fazem os vivos quando vão dormir.

Assim que o corpo está vestido, e em alguns casos maquiado, ele é então colocado em gelo seco, porque embalsamar ainda não é prática muito comum no Japão. Isto é feito na casa funerária ou na casa da família. É comum que membros da família passem a noite no mesmo quarto que o morto. Quando chega a hora de colocar o corpo no caixão, vários objetos são colocados juntos. Estes tradicionalmente incluem cédulas de dinheiro para o falecido pagar o pedágio para atravessar o Rio dos Três Infernos, e outras coisas de que a pessoa gostava durante a vida, tais como sua marca favorita de cigarros, e doces. Esta prática também é evidente nos locais de desastres de carro no Japão, onde, além dos tributos florais, é comum ver latas de bebidas abertas, e mesmo cigarros, algumas vezes acesos e deixados a queimar no local.

Os arranjos funerários não são governados por pressa, mas por atenção à tradição japonesa do *rokuyou*, ou a lista dos dias de sorte e os de azar. Cada dia do ano pode ter uma de seis características, que vão de *taian*, um dia auspicioso no qual casamentos e outras celebrações de alegria em geral são celebrados, ao *butsumetsu*, literalmente a morte de Buddha, quando funerais em geral são celebrados. Fazer um funeral

durante *tomobiki*, o chamado "dia da trilha" é tabu, porque os caracteres desta palavra na língua escrita japonesa significa literalmente "levando os amigos juntos". A fim de acomodar estas crenças, os funerais em geral são feitos no primeiro *butsumetsu* depois da morte. Nesta ocasião o caixão, assim como refrescos para os participantes, e o altar funerário, são escolhidos. Coroas de flores artificiais em preto e branco, chamadas *hanawa*, são colocadas na entrada da casa da família ou na casa funerária. Na noite antes do funeral, os parentes se juntam para prestar seus respeitos ao morto no *otsuya*, ou velório. A não ser que uma pessoa tenha sido muito ligada ao falecido, ele ou ela não precisa participar do velório e também do funeral.

Uma área de recepção, em geral com uma tenda, é colocada na entrada da casa da família ou da funerária. As pessoas que chegam para prestar seus respeitos primeiro registram seus nomes e depois apresentam o dinheiro da condolência. A quantia desta doação monetária depende da relação de proximidade ao morto, embora a soma de vinte mil iens é comum. Em uma grande diferença de ofertas em celebração de alegria em que *shinsatsu* – cédulas novas – são oferecidas à família, no funeral notas velhas são dadas, porque notas novas poderiam sugerir que a morte tinha sido planejada ou premeditada.

Esta oferta de dinheiro é apresentada em um envelope especial amarrado com uma fita branca e preta, e a quantia dada e o nome do doador são escritos na frente do envelope. Há alguma diferença entre os nomes dados nestas oferendas nas crenças budistas e xintoístas. Na tradição budista o dinheiro de condolência é chamado *okouden* ou g*okouryo*, literalmente traduzidos como "dinheiro de incenso". Um velório xintoísta é chamado *osakakiryou*, ou "dinheiro para um galho da árvore sempre-verde da camélia" porque este é o que é oferecido ao invés de incenso durante a cerimônia. Isto difere do galho da mesma árvore usado no funeral xintoísta, porque ele é envolto em papel branco e chamado *tamagushi*, e a oferta de dinheiro é chamada *ontamagushiriyou*, ou "dinheiro para o galho da sempre-verde camélia envolto em branco".

Na tradição budista, o velório é conduzido por um sacerdote ou *souryo,* que se vira de frente para o altar, faz uma mesura, acende o incenso e depois canta uma sutra. Quando a sutra está sendo cantada os participantes fazem ofertas de incenso. Esta parte é conduzida de uma maneira estritamente hierárquica, começando com os membros mais próximos da família do falecido. Um sacerdote chamado *shinkan* conduz o velório xintoísta de uma forma bastante similar. Entretanto, ao invés de incenso, os participantes do funeral levam galhos da sempre-viva árvore da camélia, chamada *sakaki*, e a colocam diante do altar. Depois da cerimônia, os participantes são convidados a comer e beber. Então os membros da família geralmente passarão a noite com o morto.

O serviço funerário é chamado *kokubetsushiki* na fé budista, ou *shinosousai* na xintoísta, e é geralmente feito no dia depois do velório. Para ambas cerimônias os homens se vestem em ternos pretos, e as mulheres em vestidos pretos, e não podem usar mais que um colar de pérolas simples. Em um funeral budista, o altar é decorado com vários objetos que incluem uma pequena lápide na qual está escrito o nome que o finado adquiriu depois da morte – *kaimyou* – uma fotografia do finado envolta em uma fita preta, e frutas, doces, velas, crisântemos, uma tigela de

incenso e um sininho. O altar xintoísta tem a fotografia do morto e outras decorações tais como uma espada ou um espelho, comidas cruas e uma tigela de água. Na tradição xintoísta o nome pós-morte é chamado *reiji*, mas serve os mesmos propósitos do kaimyou: ao empregar um nome diferente para a pessoa morta, se crê que isto impedirá o espírito de voltar a cada vez que seu nome é mencionado. O número de caracteres usados em um nome pós-morte tende a ser maior na tradição budista[1].

A localização do funeral é da maior importância porque, enquanto que na tradição budista ele pode ser conduzido em um templo, ou *otera*, em casa ou num salão de cerimônias, o funeral nunca é conduzido em um santuário xintoísta, o *jinja*, porque a fé xintoísta detesta a poluição e seus santuários são considerados sagrados e puros, e, portanto, não deve ser manchado pela morte.

Assim como no caso do velório, o sacerdote budista começa a cantar uma sutra e dentro de alguns momentos oferece incenso mais uma vez. Os participantes carregam o *jyuzu*, ou o rosário budista. Então, os participantes se levantam e juntos vão até a urna com o incenso, colocam suas mãos juntas em oração (*gasshou*) e então fazem uma reverência. Cada participante pega uma pitada do incenso, leva até a testa, e depois coloca em uma urna preparada para este propósito. Como regra geral, isto é feito três vezes. Em um funeral xintoísta os participantes carregam um galho da sempre-viva camélia embrulhado em papel *(tamagushi*) e levam até o altar. Onde o participante budista junta as mãos em oração, o xintoísta faz o que é conhecido como *nirei nihakushu ichirei*: faz duas reverências, bate palmas duas vezes e faz uma última reverência. As palmas não emitem som, e são chamadas *shinobite*. No fim de um funeral budista os participantes fazem a referência enquanto o sacerdote termina a sutra e sai do templo. Na tradição xintoísta uma oração chamada *norito* marca o fim da cerimônia.

A fase final dos rituais funerários tanto em budismo como em xintoísmo é a cremação, porque no Japão, especialmente nas áreas urbanas a porcentagem de cremação é de quase 100%. O caixão é transferido ao crematório ou *kasoujou* em um carro fúnebre ornamentado, e depois é colocado em uma esteira rolante conectada com o forno. Nesta altura, a chave da porta do crematório em uso é dada a um membro da família do morto, e eles recebem instruções de quando devem voltar para receber os restos. A família retorna a sua casa ou à casa funerária e todos fazem uma refeição juntos. Quando é hora de voltar para buscar os restos mortais, eles são devolvidos à família durante uma cerimônia chamada *kotsuage*, que significa literalmente "levantar os ossos". Cada pessoa presente usa pauzinhos longos para remover os ossos, e dois membros da família pegam o mesmo osso juntos e o colocam na urna juntos. Esta parte tem que ser feita em perfeita ordem, os ossos dos pés antes do crânio, e uma grande importância é dada ao *nodobotoke*, ou o pomo de Adão, que, se acredita parecer com a forma do Buddha, sentado em meditação. O pomo é colocado diretamente sob o fragmento do crânio.

Quando se completa o rito do *kotsuage*, a urna *ikotsu* é embrulhada com um pano branco e retornada à casa da família, onde ela permanece até ser enterrada no trigésimo-quinto dia, ou mesmo até o serviço memorial dos 49 dias, chamado

shijukunichi, no túmulo da família. Os costumes associados com o dia do enterro próprio variam de região a região.

Depois destas cerimônias, o falecido é lembrado nos serviços memoriais chamados *hoji*. É costume de os japoneses visitarem os túmulos de seus ancestrais durante o período de *obon*, na metade de julho ou agosto, no aniversário da morte, e durante as semanas do equinócio de inverno ou outono, um período de tempo chamado de *ohigan*. Um pequeno altar ou *butsudan* na casa da família é estocado com ofertas ao morto, em alguns lugares diariamente, em outros somente em ocasiões especiais. Se o morto é visto como alguém que deixou este mundo e agora se encontra na Terra Pura como discípulo de Buddha, a família reza por ele para que atinja o status de Buddha, ou, na tradição xintoísta, os mortos são venerados como guardiães da família ou deuses familiares, os rituais que subsequentemente ligam o morto aos vivos são parte integral da sociedade japonesa.[2]

Para terminar esta apresentação dos ritos funerários do Japão, quero registrar aqui um haicai sobre a morte, de autoria de Bokusai, que eu encontrei durante a pesquisa para este artigo:

Jisei nado
Zansetsu ni ka mo
Nakarikeri
(*Bokusai*)

Uma palavra de adeus?
A neve que se dissolve
Não tem perfume.

Este poema, que reúne a simplicidade e a força dos melhores haicais, me ajudou a compreender o que senti, do vazio, da incompletude, depois do funeral de minha amiga Maya Ono. Algumas dores não podem ser facilmente expressas, assim como é impossível descrever o perfume da neve se dissolvendo.

Referências

Alldritt, Leslie D. 'The Burakumin: The Complicity of Japanese Buddhism in Oppression and an Opportunity for Liberation (First Part)', from The Burakumin Liberation News (September 1996, no. 92):10.

Bachnik, Jane M. 'Orchestrated reciprocity: Belief versus practice in the Japanese funeral ritual', in Jan van Breman and D.P. Martinez, (eds) Ceremony and Ritual in Japan: Religious Practices in an Industrialized Society, London: Routledge, 1995. 122 -123.

Smith, Robert J. "Foreword: the eclipse of the CommunalRitual in Japan". In: Yamamoto Yoshiko, The Namahage: A Festival in the Northeast of Japan. Philadelphia: Institute for the Study of Human Issues, 1978. 1-8.

[1] Em um interessante detalhe histórico, a pesquisa mostra que no caso dos burakumin, ou "intocáveis" do Japão, estes nomes pós-morte eram algumas vezes usados para discriminar contra o morto. Em um artigo sobre a discriminação contra os buraku e o budismo, uma edição do Buraku Liberation News, uma publicação bimensal do Buraku Liberation and Human Rights Research Institute, diz que até os anos 40, "Os nomes [dos Burakumin mortos] incluem ideogramas que significam 'besta,' 'humilde,', 'ignóbil,' 'serviçal,' e muitas outras formas de palavras derrogatórias."

[2] A autora agradece a Noriko Abe por sua ajuda na pesquisa para escrever este artigo.